



ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA EM FAREJADOR DE ÁGUAS

BETWEEN HISTORY AND FICTION: THE CONSTRUCTION OF NARRATIVE IN FAREJADOR DE ÁGUAS

Karla Christina Claudino (UEG)¹

Resumo: Este artigo aborda a narrativa em *Farejador de águas* (2023), de Maria José Silveira, a fim de analisar a construção da personagem Zé Minino que participa da transformação do bioma Cerrado desde a passagem da Coluna Prestes por Goiás até mais ou menos os dias de hoje, e a originalidade da autora que envolve em suas narrativas fatos históricos, sociais e políticos misturando o real e o imaginário. O objetivo é também destacar o regionalismo presente nas obras dessa escritora goiana. É através do universo das palavras que o homem pode manifestar seus sentimentos mais profundos, praticar seus pensamentos e criar seu mundo real ou imaginário. A teoria da literatura objetiva-se a estudar a obra, o autor, o leitor e todo o processo que envolve as obras literárias. É uma base de dados, que permite construir-se um método de reflexão e análise dos textos literários. No cruzamento dos dados da história literária, pode-se estabelecer as mudanças ocorridas no processo histórico com relação ao homem e tudo que o envolve.

Palavras-Chave: Personagem de ficção. Real x Imaginário. Literatura.

Abstract: This article addresses the narrative in *Farejador de Águas* (2023), by Maria José Silveira, in order to analyze the construction of the character Zé Minino who participates in the transformation of the Cerrado biome since the passage of Coluna Prestes through Goiás until more or less today, and the originality of the author who involves historical, social and political facts in her narratives, mixing the real and the imaginary. Its aim is also to point out the regionalism present in the works of this writer from Goiás. It is through the universe of words that man can express his deepest feelings, practice his thoughts and create his real or imaginary world. The theory of literature aims to study the work, the author, the reader and the entire process that involves literary works. It is a database that allows to build a method of reflection and analysis of literary texts. By crossing data from literary history, it is possible to establish the changes that occurred in the historical process in relation to man and everything that surrounds him.

KeyWords: Fictional character. Real x Imaginary. Cerrado. Literature.

¹ Karla Christina Claudino é professora da rede Municipal de Ensino, formada em Pedagogia, Letras/Português e pós-graduada em Psicopedagogia e Docência no Ensino Superior. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Língua Literatura e Interculturalidade (POSLLI), na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina.



INTRODUÇÃO

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição de saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e do cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

Literatura deve ser entendida a partir do contexto histórico. Não há povo nem homem que possa viver sem literatura, ela é um sonho acordado das civilizações, fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com suas crenças, sentimentos, normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.

Em seu artigo *A literatura e a formação do homem*, Candido (1999, p.81), escreve sobre a função humanizadora da literatura:

[...] desejo apresentar algumas variações sobre a função humanizadora da literatura, isto é, sobre a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem. Para este fim, começo focalizando rapidamente, nos estudos literários, o conceito de função, vista como o papel que a obra literária desempenha na sociedade.

Na literatura brasileira a identidade regional inicia-se com as primeiras manifestações literárias do sertanismo árcade e romântico, em alguns sonetos de Cláudio Manuel da Costa e expressão romântica de Alfredo de Taunay e José de Alencar. Em Goiás a literatura surge mais expressiva com Hugo de Carvalho Ramos, na década de 20 do século XX, e mais tarde com Bernardo Élis na década de 40, voltada para o regionalismo fiel à evolução social da região. Esse regionalismo literário em Goiás, gira em torno das fazendas que sustentam economicamente com a criação de gado, após a decadência do ouro.

O romance *Farejador de águas*, objeto de análise deste artigo, foi escrito por Maria José Silveira e publicado em 2023. A narrativa, dividida em 8 capítulos, apresenta a saga familiar protagonizada por José Minino, garoto órfão, criado por uma mulher indígena², nos anos 1920, que

² A opção terminológica por 'indígena' e não 'índio' justifica-se nos argumentos apresentados por Munduruku (2019, p.1): "Do meu ponto de vista, a palavra índio perdeu o seu sentido. É uma palavra que só desqualifica, remonta a



resolve abandonar a terra deixada pelos pais, em Goiás, para acompanhar a Coluna Prestes, um movimento revoltoso organizado por tenentistas que percorreu o Brasil entre 1925 e 1927 combatendo as tropas dos governos de Artur Bernardes e Washington Luís durante a Primeira República. A autora narra a chegada da Coluna Prestes ao arruado descrevendo como José Minino a acompanhou.

Até a manhã que se abriu com o grito: "Ei-vém os revoltosos, gente. Acudaaaa! É o povo da Coluna!". E, como se já tivesse treinado, o pequeno arruado correu, e o entorno engoliu sua gente. O menino, não. A Vêia também não. Não sabiam o mínimo sequer para temer ou não o que vinha vindo. Ficaram mesmo na entrada do arruado. O menino queria ver o que era aquilo que fazia o povaréu correr daquele jeito. Esperou.

Era uma cavallhada seguida por um monte de gente a pé que não terminava de acabar. Minino ficou como se vesgo, querendo olhar tudo, mas ninguém sequer parou no arruado pobre e vazio. Seguiram em frente. E foi então que ele, com a naturalidade de quem parece estar sendo chamado, disse: "Vou com eles, Vêia", e foi, seguindo as mulheres e as poucas crianças a pé, primeiro acovardado, querendo se esconder, depois mais tranquilo, misturando-se no meio dos últimos. Ninguém perguntou de onde vinha. Capaz que pensassem que era da Coluna mesmo.

Assim foi que ele acabou fazendo parte do "fogão" de Maria Branca (Silveira, 2023, p. 15).

Enquanto acompanhava a Coluna e fazia parte do fogão de Maria Branca, José Minino inicia sua jornada, envolvendo-se no movimento e se tornando uma peça importante na defesa de seu grupo farejando nascentes e emboscadas. Domingos Meirelles em *A noite das grandes fogueiras* define os fogões como:

Os fogões, como os gaúchos se referem a essas fogueiras, permitem também que afluam nobres e insuspeitados sentimentos em combatentes que acreditavam lutar só pelo gosto da guerra. Os fogões não só revelam ideais como criam vínculos que os mantêm entrelaçados, como se fizessem parte de um destino comum. Nessas conversas em volta do fogo, surgem revelações e sentimentos que acabam por fazê-los prisioneiros uns dos outros, algemados pelos mesmos sonhos e paixões. As noites consumidas em volta dessas grandes fogueiras consolidam a nobreza do afeto que faz todos aqueles homens parecerem irmãos (Meirelles, 1996, p. 545 e 546).

preconceitos. É uma palavra genérica. Esse generalismo esconde toda a diversidade, riqueza, humanidade dos povos indígenas. Quando a gente usa a palavra índio, estamos nos reportando a duas ideias. Uma é a ideia romântica, folclórica. A segunda ideia é ideologizada. A palavra índio está quase sempre ligada à preguiça, selvageria, atraso tecnológico, a uma visão de que o índio tem muita terra e não sabe o que fazer com ela. A ideia de que o índio acabou virando um empecilho para o desenvolvimento brasileiro. Uma palavra muda tudo? Sim, uma palavra muda muito. As pessoas ainda pensam que índio e indígena é a mesma coisa. Não é. A palavra indígena diz muito mais a nosso respeito do que a palavra índio. A palavra índio gera uma imagem distorcida. Já indígena quer dizer originário, aquele que está ali antes dos outros”.



Por meio da trajetória de Zé Minino, que se torna patriarca de uma família de lavradores em Goiás, o livro reconta parte da história política e social do Centro-Oeste do Brasil — desde a Coluna Prestes, abrangendo revoltas camponeses, o traçado das estradas para a ocupação do território, a construção de Brasília, até os dias atuais. Silveira volta a denunciar a exploração da natureza com sensibilidade e força narrativa em uma trama em que aborda temas relevantes para o atual momento, como preservação da água, direito à terra, questões indígenas, devastação ambiental, entre outros. Nascida em Goiás, a autora evidencia a importância de preservar o Cerrado, bioma que ocupa quase um quarto do território brasileiro.

Em mais uma demonstração de plena desenvoltura na articulação entre acontecimentos reais e criações ficcionais, como já fizera em seu livro *Guerra no coração do cerrado* (2006), versão romaneada da vida de Damiana da Cunha, liderança do povo Cayapó³, que serviu de ponte entre a sua cultura e a do colonizador branco, Maria José Silveira conduz a trama ao longo de quase um século de ‘grandes transformações’ no Centro-Oeste, como a construção de Brasília e a Marcha para o Oeste que trouxe para o estado mudanças significativas tanto social quanto política conforme destacou o estadista Getúlio Vargas: O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste.

A escritora traz em sua narrativa frases de efeito capazes de resumir o estado emocional de suas personagens: “Sentimento ruim é rio que afoga a gente (Silveira, 2023, p. 198).” A escrita inventiva e envolvente de Maria José também possui a característica de capturar o leitor para o ambiente da narrativa. E suas histórias ainda nos permitem conhecer as terras de um Brasil quase esquecido.

PERSONAGENS HISTÓRICOS DO ROMANCE

“Ó Santa Dica e sua Legião de Anjos

Abra-nos o paraíso do céu

Benedicta sois

Amém.” (Silveira, 2023, p. 57).

³ A autora do romance explica que a grafia Cayapó era usada na época em que a história ocorreu e, por isso, manteve a grafia daquele tempo histórico (final do século XVIII - início do XIX). Hoje (2024) se utiliza Kayapó do Sul para referir-se àquela etnia específica. Esclarece também que Cayapó era o nome dado pelos brancos aos indígenas Panará.



A ficção se faz presente em um capítulo dedicado a história de Santa Dica, uma das figuras mais enigmáticas da cultura de Goiás. Benedita Cipriano Gomes, conhecida como Santa Dica, é uma personagem inserida na historiografia regional de Goiás e do Brasil (Movimentos Messiânicos no Brasil, o Coronelismo em Goiás, Revolução de 1930 e 1932). A fundadora do distrito de Lagolândia nas proximidades de Pirenópolis, foi figura central na sociedade e na política goiana do século XX, por supostamente ter o poder de curar pessoas e se comunicar com o mundo espiritual, através dos guias. Santa Dica conquistou uma legião de milhares de seguidores e se tornou influente não só em Lagolândia e na região de Pirenópolis, mas em outros lugares do Estado e do Brasil.

Santa Dica, a ‘Conselheiro de saias’, foi um pedaço fascinante da história de Goiás. Ela, jovem mulher de constituição frágil, ousou enfrentar coronéis e os poderes da Igreja Católica para dar terra e trabalho a quem fugia da situação de miséria e opressão.

Distribuiu terras de sua fazenda Mozondó e criou uma comunidade que a tinha como santa milagrosa, ao mesmo tempo em que criou e comandou um exército que a defendia das inúmeras tentativas dos seus inimigos. Figura típica das sociedades camponesas, Santa Dica provocou a ira dos grandes proprietários de terra da época, que conseguiram levá-la à prisão por duas vezes.

Maria José Silveira (2023, p. 61) pondera: “Seria Canudos outra vez? Canudos no coração do país? Um movimento camponês em nossas próprias terras?, arfavam os inimigos.” “Um Antônio Conselheiro de saia?”.

Real e imaginário também estão presentes quando Silveira envolve sua personagem num acontecimento que ficou conhecido como Dia do Fogo, quando fazendeiros, jagunços e a polícia, fortemente armados, cercaram a fazenda cheia de gente e teve início um tiroteio para não se esquecer jamais! (Silveira, 2023, p.61).

Waldetes Aparecida Rezende, em seu livro *Santa Dica – Histórias e Encantamentos* (2011), descreve com precisão esse acontecimento:

Um batalhão com cerca de cem homens, formado por militares e jagunços que prestavam serviço a coronéis da região, contrários às ideologias de Santa Dica e seus seguidores, chegando ao local, se posicionaram na serra onde fica o cemitério do distrito e de lá vigiavam todo o reduto, e dali metralharam as casas, na época quase todas de capim. O tio de Dica, José Cipriano Gomes, reagiu e foi baleado, caindo morto na rua. Também morreu



José Silva Belos. E quanto ao número de afogados alguns afirmam não ter ocorrido, enquanto outros garantem que pereceram muitos.

Todos em Lagolândia teriam sido orientados anteriormente pelos Guias em um Conselho, que choveria pedras do céu, o que queria dizer que seriam metralhados, e ninguém deveria, por motivo algum, sair de suas casas naquele dia, pois ali estariam protegidos pelos anjos celestes, mas, que ao ouvir o tremendo tiroteio os moradores se apavoraram, correndo em direção ao Rio do Peixe, lado onde os inimigos deixaram desprotegido, e muitos se atiraram nas águas escuras pelas enchentes da noite anterior. Santa Dica se atirou junto, sendo resgatada e arrastada pelos cabelos por seu tio Gustavo Cipriano Gomes. Atravessando o rio, correram para o mato, se perdendo um do outro e somente depois de três dias pôde ser encontrada bem longe dali, em um emaranhado de cipós que prendiam seus cabelos, não permitindo que se soltasse.

Encontramos quem garante que no início, antes da fuga de Dica e seus seguidores, os tiros foram quase todos em direção desta, mas as balas caíam de seus cabelos como se fossem grãos de milho e não entravam no corpo dela. O vestido usado por ela naquele dia até pouco tempo podia ser visto, pois fora guardado, e permanecia todo perfurado pelas balas. Soldados disseram que quando receberam ordens para atirar, avistaram nos galhos mais altos da gameleira em frente ao salão onde funcionava o hospital de curas, três crianças nas quais atiraram acirradamente sem que nenhuma delas caísse (Rezende, 2011, p.29 e 30).

Em *A personagem de ficção*, Antonio Candido (1976) relata que enredo, personagem e ideias são os três elementos centrais do romance, onde a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. Nisso constrói uma relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem. Personagem é um elemento entre vários outros, mesmo sendo o principal.

Uma obra literária só se realiza plenamente quando comunica aos leitores a impressão de mais autêntica, legítima verdade existencial por meio de uma personagem fictícia.

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (Antonio Candido, 1976, p.55).

Para Antonio Candido uma obra literária só se realiza em toda a sua plenitude quando prima pelo princípio da verossimilhança, ou seja, quando procura convencer o leitor, através de suas personagens, de que tudo o que nela vai escrito, por ser verdade é passível de ser verdadeiro.

Verossimilhança, a impressão da verdade que a ficção consegue provocar no leitor, está presente no romance, a escritora em vários momentos nos faz acreditar que a personagem é real e



participou verdadeiramente do fato relatado, principalmente por conseguir misturar assuntos relacionados ao cotidiano do povo goiano.

O QUE É UM *FAREJADOR DE ÁGUAS*?

“O futuro é ancestral. Ele é tudo que já existia.
Ele não é o que está lá em lugar, ele está aqui.”
(Ailton Krenak)

A história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização, um paradoxo entre campo e a cidade, fatos que ocorreram do início ao fim em *Farejador de águas*.

O amor pelo cerrado e a preocupação com o possível desaparecimento do bioma levaram Maria José Silveira a escrever *Farejador de águas*. Para escrever o romance, a autora leu bastante sobre o cerrado, mas foram as entrevistas e os artigos de Altair Sales Barbosa⁴, um dos cientistas que mais entende desse bioma, que a alertaram sobre um fato que ela desconhecia, as árvores desvalorizadas do cerrado, feias e baixas, estão entre as mais antigas do planeta e desenvolveram certas características que aprofundam no solo suas raízes e as tornam fatores de enorme importância para transportar água e, assim, contribuírem para a formação dos maiores aquíferos do país.

Alguns até a consideram como uma ‘floresta de cabeça para baixo’, outros as subestimam e poucos se dão conta de que seu desmatamento significa uma gravíssima ameaça a nossas águas. Altair Sales Barbosa em seu livro *Cerrado a constelação do meio dia* (2022), fala sobre os resultados da ocupação desordenada do Cerrado:

Entretanto, a ocupação humana desordenada, decorrente de programas de políticas públicas equivocadas, que colocam o Cerrado como grande fronteira de expansão agrícola e econômica, tem criado um panorama assustador, de dimensões nunca observadas na História da Humanidade.

Nesse contexto, o Cerrado foi e é recortado por inúmeras estradas, rios são represados, montanhas aplainadas, vegetação derrubada, rompendo o equilíbrio da cadeia alimentar e, como consequência, animais são levados a extinção, comunidades rurais desestruturadas de forma avassaladora e crescimento rápido e desordenado dos polos urbanos (Barbosa, 2022, p.96).

⁴ Baiano de origem, goiano de adoção e cerratense de coração. Antropólogo, arqueólogo, pesquisador do Cerrado há 50 anos.



Nessa construção da personagem José Minino protagoniza a história desde criança até a fase adulta, vivenciando hábitos, costumes ancestrais, e com seu dom de farejar água, vê a paisagem do cerrado sendo modificada em nome do desenvolvimento.

O Farejador de Águas é um indivíduo com habilidades extraordinárias para detectar a presença de água em locais improváveis, ele possui uma intuição infalível, sua capacidade de encontrar água onde ninguém mais consegue é encarada como uma dádiva divina. No entanto, nem todos veem o Farejador de Águas como um herói. Há aqueles que o enxergam como uma ameaça, temendo que suas habilidades possam ser exploradas para utilizar a água descoberta para benefício próprio.

Farejador de águas também narra o processo de formação de identidade sociocultural do homem goiano, este por sua vez se deu por meio de um processo ligado a reprodução das condições materiais de existência, principalmente após o fim da mineração, quando este esteve diretamente ligado à atividade agropecuária, no modelo de subsistência.

Nessas circunstâncias foi se constituindo uma sociedade distante das interferências dos grandes centros. A distância de Goiás em relação a São Paulo foi proporcionando um modo próprio de vida para o homem goiano. A riqueza de terras foi fundamental na realização deste processo, tanto que, segundo Estevam (2004), a fazenda era a unidade básica produtora, portanto, lugar de produzir, morar e socializar. Em função desses elementos, buscar compreender a formação sociocultural em Goiás torna-se de extrema importância e relevância.

A partir de 1930, a política de integração do governo Vargas que buscava unir as regiões produtivas do Estado de Goiás, principalmente as regiões sul e sudoeste e, no âmbito nacional, procurava adequar o país a um novo ritmo de produção capitalista (Oliveira, 2005). Dessa forma, a apropriação e ocupação do território Goiano, neste período, dá-se de maneira planejada e com interesses e funções políticas e econômicas bem definidas, era o Brasil integrando o sertão ao litoral, através da Marcha para o Oeste.

No cair da noite, rádio ligado, agora um dos objetos mais apreciados da casa, chegava o slogan do governo, motivo de grande agitação e controvérsia: Lavrador sem terra, venha para Goiás trabalhar na sua terra, doada pelo governo (Silveira, 2013, p.101).



Em uma de suas entrevistas, a autora foi questionada sobre qual foi o impacto da nova capital para o Centro-Oeste e para o imaginário nacional e segundo ela, a construção da capital do país no Centro-Oeste era sonho antigo dos brasileiros e, muito especialmente, dos goianos que trabalharam arduamente para que o local escolhido para sua construção fosse em Goiás. Venceram essa batalha que transformou toda uma extensa região que, até então, era bastante isolada do restante do país. Abriram-se estradas, ligaram lugares distantes, e o impacto foi inegável.

Como não poderia deixar de ser, grileiros e oportunistas também correram atrás das oportunidades que se abriam com as estradas, e provocaram grandes conflitos pelo interior, como foi o caso da revolta de Trombas e Formoso, que começa com a chegada dos grileiros à região, atraídos pela riqueza que a abertura das estradas traria.

Eu até aproveitei pra mostrar pra eles um olho-d'água onde dava pra fazer um correçoim e proteger do cavalo. Mas isso nem foi nada comparado com as morte que andei vendo, homem matando homem por coisica à toa, Anja, e vi uma coisa que eu ainda num tinha visto existir desse tanto e que agora tá aparecendo que nem praga, uns homens que chegam importantes, mas são conhecidos como grileiro, que pegam a terra de um pobre e vende pra outro, tudo com papel falsificado. Com essa história das colônia e de ter terra devoluta pra todo mundo, tá vindo muita gente ilusionada, e então os grileiros aparecem, fazem uma confusão dos diabo e falseiam tudo (Silveira, 2023, p. 89).

Em *Farejador de águas*, Maria José Silveira mergulha nas sutilezas da região Centro-Oeste, não apenas retratando paisagens e costumes, mas também explorando as relações humanas e os conflitos sociais. O romance lida com a construção de uma narrativa que aborda questões sociais, políticas e culturais que impactam o país. A autora usa a ficção para reflexão sobre a realidade, ao mesmo tempo que alimenta a imaginação para construir um universo narrativo denso e complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura busca representar o real, mas o real é irrepresentável na linguagem verbal, e é essa busca que a constitui, não como representação, mas como fulgor do real.

A literatura dá conhecimento, aguça a visão do real, exerce uma função crítica e utópica e dá prazer, devemos buscar nela o mundo em que vivemos e um sentido para nossa existência. É um lugar de saberes, não saberes como as ciências, mas ela sabe das coisas.



Farejador de Águas, romance da escritora Maria José Silveira é uma obra intrigante que combina elementos de ficção, aventura e reflexões sobre a condição humana. Com uma trama envolvente, o romance mergulha nas emoções das personagens, oferecendo reflexões profundas sobre sua natureza.

Em todas as épocas, a memória foi indispensável aos homens para avançar no futuro, mas na nossa época ela mais pesa e desorienta do que auxilia. Vivemos numa geração em que os escritores fazem mais sucesso que suas obras. Nossa época viu o enfraquecimento de determinadas ideologias, mas também tem visto surgir ou ressurgir outras tantas. O que garante a sobrevivência da literatura é o desejo de escrever e o prazer de ler.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Altair Sales. **Cerrado**: a constelação do meio dia. 1. ed. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2022.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, A. GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESTEVA, Luís. **Tempo da transformação**: estrutura e dinâmica econômica de Goiás. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras**: uma história da Coluna Prestes. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. **A Reprodução do Espaço Urbano de Goiânia**: uma cidade para o capital. In: MOYSÉS, Aristides (org.). Cidade, segregação urbana e planejamento. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

REZENDE, Waldettes Aparecida. **Santa Dica**: História e Encantamentos. 2. ed. Goiânia: Editora Kelps, 2011.



SOBOTA, Guilherme. Três Perguntas do PN para Maria José Silveira, autora de 'Farejador de águas'. **PUBLISHNEWS**, 10 de setembro de 2023. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2023/08/01/tres-perguntas-do-pn-para-maria-jose-silveira-autora-de-farejador-de-aguas>>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

SILVEIRA, M. J. **Farejador de águas**. São Paulo: Editora Instante, 2023.